

**no CAIRO [28 de abril],
FRANCISO, BARTOLOMEU, TAWADROS e EL~TAYEB
juntos: a coragem da paz**



Mesquita Al-Azhar. Cairo-Egito

as viagens ecuménicas do Papa aos “infernos”

INOVADOR EM TUDO, FRANCISCO CRIOU UM NOVO TIPO DE VIAGEM APOSTÓLICA: a visita ecuménica. Fê-lo pela primeira vez em Lesbos, onde foi acompanhado pelo Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu, e pelo Patriarca da Grécia. E, conforme anunciou aquando da sua visita à Igreja anglicana de Roma, irá prosseguir esta prática com uma viagem ao Sudão do Sul, acompanhado, desta vez, pelo arcebispo de Canterbury e Primaz da Igreja anglicana, Justin Welby.

São mais do que viagens às periferias geográficas. Trata-se de visitas às mais duras e sangrentas periferias existenciais. **Aos sítios onde os mais pobres dos pobres choram, sofrem e clamam a sua dor ao céu e à terra.** Os líderes deste mundo fazem ouvidos moucos. Porém, o papa não. E como enviado do céu, deslocar-se-á ao Sudão do Sul, para tentar apagar o fogo da guerra étnica fratricida, totalmente esquecida na agenda mediática e política mundial.

Oxalá se possa realizar esta viagem. Porque não é nada fácil visitar um país em guerra. Embora Francisco já nos tenha habituado a gestos arriscados deste tipo. **Já visitou Bangui, a capital da República Centroafricana,** em pleno apogeu do conflito entre os seleka e os antibalaka. E dizem, até, que após esta sua visita, conseguiu desencadear o processo de paz que, com altos e baixos, vai seguindo em frente.

É o que irá tentar fazer, também, no Sudão do Sul: desencadear o processo de paz. Sentar-se à mesa com os líderes de ambas as fações, e convidá-los ao diálogo e à busca da paz. Baseado, apenas, na sua autoridade moral.

De novo, uma missão arriscada. Pelos riscos físicos que implica. E pelo risco do fracasso papal que ela acarreta. Nada nos garante que os líderes sudaneses em confronto liguem às palavras do papa. **Francisco, porém, não se importa com o seu fracasso pessoal.** A única coisa que pretende é iniciar o caminho da paz. Sem se importar que a sua imagem pessoal fique beliscada. Assume a possibilidade do fracasso. A busca evangélica da paz é posta acima de qualquer outra consideração.

É também uma visita arriscada e complicada a nível interno. Porque de certeza que os críticos internos não deixarão de falar de sincretismo e doutros primores, ao referir-se a uma visita conjunta com o líder da Igreja anglicana. Mas não será isso que irá deter o papa Francisco, que apenas se deixa orientar pelas moções do Espírito.

Felicidades, papa valente e arriscado! Que a tua missão ao Sudão se torne possível e seja um êxito. O povo e os pobres do Sudão do Sul que choram e clamam pela paz, estão à tua espera. E precisam de ti. Tu és a sua única esperança.

José Manuel Vidal,
Religion Digital 27.02.2017



no CAIRO, FRANCISCO, BARTOLOMEU, TAWADROS e EL-TAYEB juntos: a coragem da paz

Foi confirmada a presença do **Patriarca Bartolomeu no Cairo**, no dia 28 de abril, a convite do **Grão-Mufti Ahmed el-Tayeb**. Evento ecumênico e inter-religioso que aponta o caminho para a política.

Sob a cúpula de **Al-Azhar**, a Igreja do Oriente e do Ocidente ver-se-á unida. A missão de paz no **Egito** adquiriu agora outra testemunha de grande respeito: o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, *primus inter pares* entre os patriarcas ortodoxos. **Bartolomeu I** confirmou a sua presença no **Cairo** no dia 28 de abril, no contexto da visita papal.

Ele vai chegar no dia 27 e ficará até o dia 29. Assim, os líderes da Igreja do Oriente e do Ocidente e o papa dos coptas egípcios ortodoxos, **Tawadros**, se reunirão com **Ahmed el-Tayeb**, o Grão-Mufti da mesquita do renomado centro de referência teológica do **Islão sunita**. Se o objetivo é desencadear a paz, será, por isso, uma conjuntura que certamente já se prevê repleta de significado por causa da solidária manifestação de um ecumenismo inclusive diante do terrorismo fundamentalista e da perturbadora sugestão no complicado contexto do barril de pólvora do **Médio Oriente**.

O convite ao **Cairo** para **Bartolomeu** tinha partido justamente do imã de **Al-Azhar**. O Patriarca Ecumênico o comunicou aos fiéis greco-ortodoxos de Istambul depois da celebração da Páscoa no Fanar. Naquela circunstância, falando de uma carta recebida do “irmão **Papa Francisco**”, na qual o sucessor de Pedro lhe agradecia pela sua proximidade e esperava revê-lo em breve, Bartolomeu acrescentou que a ocasião podia estar muito próxima.

“Eu também fui convidado pela **Universidade de Al-Azhar** ao Cairo e, no dia 28 de abril, poderia estar com o **Papa Francisco**”. A imediata adesão de **Bartolomeu** foi sem reservas. E foi rápida a resposta de confirmação. Aliás, ela não poderia ser diferente para o sucessor do apóstolo André, não só por causa das saídas já realizadas junto com o Papa Francisco à Terra Santa e à ilha grega de Lesbos com o arcebispo de Atenas, **Yeronimos**, devido à urgência da questão dos migrantes na direção comum e em sintonia de contribuir, unidos, com a missão de serviço das Igrejas no mundo, assim como por causa das iniciativas de paz já realizadas lado a lado, como o encontro de oração no Vaticano no dia 8 de junho de 2013, que viu reunidos os presidentes israelense e palestino, Shimon Peres e Mahmoud Abbas.

Essa escolha também tem o seu peso para o diálogo promovido dentro da família abraâmica e dirigido com o Islão, que vê o compromisso do Patriarcado de

Constantinopla com sistemática atenção desde 1986. Como recordou o rabino David Rosen no simpósio em Assis pela paz (setembro de 2016), Bartolomeu esteve na vanguarda na organização de encontros internacionais e inter-religiosos para combater os males do fanatismo religioso e da intolerância, e nunca deixou de declarar que a “guerra em nome da religião é uma guerra contra a religião”.

“O diálogo com o **Islão** é um dever – explica **Bartolomeu** ao *Avvenire* –, a Igreja de Constantinopla convive há seis séculos num contexto dominado pelo Islão. Portanto, é essencial que haja um diálogo com os muçulmanos. No átrio do nosso Patriarcado, aqui em Istambul, há um mosaico simbólico. Silenciosamente, ele representa um momento decisivo da história complexa de uma cidade onde cristãos e muçulmanos conviveram por séculos: é a imagem de **Gennadio Scolario**, primeiro patriarca do período otomano, representado com as mãos estendidas, no ato de receber do sultão **Muhammad II** o *firman*, o decreto que garantia a continuidade e a proteção da **Igreja Ortodoxa**. O mosaico é ícone do início de uma longa coexistência e do compromisso interconfessional com a comunidade islâmica.”

Nas últimas décadas, o **Patriarcado Ecuménico** se envolveu muito no diálogo inter-religioso. Em relação aos seus propósitos e ao seu significado prático como caminho para a unidade do género humano, o Patriarca de **Constantinopla** reitera que “o diálogo deverá servir para um melhor conhecimento recíproco e para a identificação de pontos de convergência. Acreditamos que somente através do conhecimento verdadeiro do Islão e dos seus valores é possível combater o fundamentalismo. Não nos referimos tanto às questões teológicas e dogmáticas – afirma **Bartolomeu** – mas sim aos sociais e de interesse universal, como a justiça, a paz, a caridade, a luta contra a violência, a pobreza, a corrupção, a exploração e o abuso da pessoa, a guerra contra o fanatismo e o fundamentalismo. Se pudermos trabalhar juntos nessas frentes, contribuiremos para a melhoria da condição do homem em nível mundial”.

Um compromisso compartilhado com a Igreja de Roma, com a qual, já na **Declaração Conjunta** assinada por Bartolomeu e por João Paulo II em 2004, estava escrito: “São muitos os desafios a serem enfrentados juntos para contribuir para o bem da sociedade: curar com o amor a chaga do terrorismo, infundir uma esperança de paz, contribuir para sanar tantos conflitos dolorosos; construir um verdadeiro diálogo com o Islão, porque, da indiferença e da recíproca ignorância, só pode nascer desconfiança e até mesmo ódio”.

É o mesmo espírito que anima a iminente viagem ao Egipto. A possibilidade de viver e trabalhar juntos existe. Em vez disso, o que os terroristas querem é demonstrar que isso não é possível. “O mundo está em guerra – disse o papa no voo para a Cracóvia, em julho 2016 – mas esta não é uma guerra religiosa. Todas as religiões querem a paz. A guerra, são os outros que querem. Entendido? É uma guerra em pedaços. Não é tão orgânica, mas organizada, sim, por aqueles que comercializam armas.”

O ódio entre as religiões é uma ideia dos terroristas: “Essas tentativas covardes de atingir pessoas em paz em lugares de culto demonstram que o terrorismo não tem religião”, dissera **Tawadros** ao primeiro-ministro **Sherif Ismail** depois da pesada contagem de vítimas dos ataques contra as duas igrejas coptas no Domingo de Ramos. “São atos que não prejudicarão a unidade desse povo e a sua coesão. Os egípcios estão unidos diante do terrorismo, até que ele seja erradicado.”

Os coptas são milhões de cristãos egípcios que representam, como tais, a refutação viva da falsa equação daqueles que ainda se obstinam a reduzir o cristianismo a produto religiosa do Ocidente. A **Igreja Copta** carrega inscrita no seu próprio nome e nos cromossomos a fisionomia indelével da Igreja autóctone, que floresceu na terra dos faraós a partir da sementeira do anúncio evangélico dos tempos apostólicos.

Tawadros proclama-se o 117º sucessor do apóstolo Marcos. A defesa da identidade da sua natureza autóctone é um fio dourado constante na história dessa Igreja. A conquista árabe do **Egito** ocorreu com uma facilidade desconcertante apenas porque os coptas monofisitas acolheram, de braços abertos, os muçulmanos, vendo na sua chegada um providencial instrumento de libertação dos bizantinos.

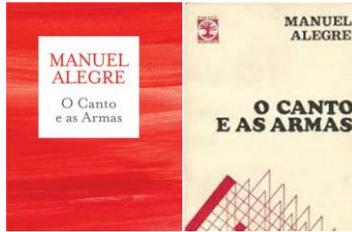
Os coptas participaram intensamente dos movimentos nacionalistas egípcios. E, no século passado, o renascimento monástico tornou-se o motor de uma Igreja que, embora minoritária, não se esconde e permanece bem visível na sociedade egípcia, mesmo quando foi marginalizada na partilha dos cargos dentro das burocracias civis. O princípio de cidadania sanciona o reconhecimento da presença copta na sociedade civil. Os grupos que visam hoje a desestabilizar o Egito têm nos coptas o seu alvo recorrente precisamente porque reconhecem que a própria identidade do **Egito** atual tem como traço distintivo a convivência – que perdurou por séculos – entre Islão sunita e cristãos egípcios nativos.

A presença dos líderes das **Igrejas do Oriente** e do **Ocidente** será, portanto, sinal da força da humildade de uma troca respeitosa e fraterna para tratar e compreender a realidade, em vista do bem comum. E, considerando essa viagem no seu conjunto, ao se perfilar mais uma vez no sinal ecuménico, ela se torna ícone vivo e atual das perspetivas abertas pelo **Concílio Vaticano II**. Porque a solidariedade ecuménica não diz respeito apenas a católicos e ortodoxos, e vai além até mesmo dos cristãos e muçulmanos. Porque o ecumenismo não é um fim em si mesmo. Porque a unidade dos cristãos não é um “cerrar fileiras” motivado por razões ideológicas ou por hegemonia mundana, é um dom da graça implorado pelo próprio Jesus ao Pai como sinal de resgate do mal, reverberação visível da redenção. E, por isso, tem como horizonte natural o destino de todos os homens e de todas as mulheres do mundo.

Ainda mais urgente e vital entre as chamadas dos interesses mercenários que dilaceram o **Médio Oriente**.

A reportagem é de **STEFANIA FALASCA**, publicada por **Avvenire**, 18-04-2017.

o Canto e as Armas



A mais recente das reedições e a capa original de *O Canto e as Armas*

Manuel Alegre: *O Canto e as Armas* reeditado 50 anos depois

O livro que marcou uma geração regressa amanhã [14 de março] às livrarias numa nova edição. *O CANTO E AS ARMAS*, de MANUEL ALEGRE, contem um prefácio de MÁRIO CLÁUDIO que o *Diário de Notícias* pré-publica.

Chega amanhã [14 de março] às livrarias uma das obras mais marcantes do poeta Manuel Alegre, *O CANTO E AS ARMAS*, 50 anos após a sua edição. Um volume cujos poemas foram musicados e cantados, entre outros, por Adriano Correia de Oliveira, tendo dado esse título ao próprio disco gravado em 1969. Segundo a editora recorda, *O Canto e as Armas* foi "o livro de uma geração mas que se prolongou no tempo enquanto voz de esperança numa pátria livre e de denúncia da opressão política da ditadura salazarista, da guerra colonial, da emigração e do exílio, a que muitos portugueses, como o próprio poeta, foram condenados".

Um conjunto de poemas premonitório, sobre o qual Urbano Tavares Rodrigues disse em tempos representar a "dignidade de Portugal que se levanta em palavras, sem um só inchaço de retórica balofa, antes com uma inventiva verbal constante, como achados em que o próprio fulgor conotativo atea a emoção".

Esta edição que comemora o cinquentenário da primeira edição contém um prefácio do escritor Mário Cláudio que se antecipa em pré-publicação.

uma outra incandescência

por Mário Cláudio. Escritor

O convívio com um texto no espaço que o justifica, quando não resulta de um privilégio da nossa escolha, poderá corresponder a uma consequência da força das circunstâncias. Calhou-me dialogar com **O CANTO E AS ARMAS** nas bolanhas da Guiné onde cumpria a minha comissão de serviço militar obrigatório, e no verbo «cumprir», e no adjectivo «obrigatório», não pouco se insinuará do animus que terá comparecido à leitura. Não se tratando de uma proposta «neonefelibata», igual às que aliás informavam boa parte da poesia que nesse tempo se ia escrevendo na chamada «Metrópole», o texto de Manuel Alegre engastava o «espírito» no exacto lugar que o segregara, e onde o subscritor destas linhas se encontrava. Eu estava numa guerra, e numa guerra injusta, na qual muitos se envolviam desmotivadamente, como estaria qualquer leitor de Moby Dick a bordo de um baleeiro de Nantucket, e em busca do Leviatã branquíssimo, ou de Guerra e Paz na estepe gelada da Campanha da Rússia, e sob o comando de Napoleão. E quanto ao vocabulário estruturante de toda a obra literária, eis que coincidia ele com o que por então povoava a nossa fala quotidiana, percorrida por «bazucas e morteiros e estilhaços», por «granadas», e por «metralhadoras». Não me recordo de outro livro, a não ser talvez o de Job, eleito em momentos de infortúnio, que se me tenha amassado tão imediatamente no sangue.



Mas **O Canto e as Armas** assegurar-nos-ia ainda, a muitos, e a mim também, a permanência de um horizonte longínquo, o da terra europeia que nos fora berço, evocando o regaço da Mãe superlativa, por quem clama ao que se diz cada soldado antes de ascender a herói ou, o que valerá o mesmo, ao plano de quem «jaz morto e arrefece». Era a absoluta ruralidade que investia por aquelas páginas,

conforme à grande paisagem, natural e humana, que a desertificação não avassalara ainda, e que haveria de enquadrar os anos seguintes. Despertavam de facto por ali criptomnésias de um pequeno paraíso agro-pastoril, «arados» e uma «espiga», ou «uma flor de verde pinho», a pontuar «oitenta e nove mil quilómetros quadrados».

Essa dimensão de um sonho atávico recusava a falsa suavidade, reivindicada por um regime que, reduzindo a fantoches a representação da Grei, falhava na descoberta da alma de um povo jugulado, quando não objecto de sinuosa manipulação. Inscrito na tradição do lirismo bucólico, tingido porém pela mancha do suor, e pelo vestígio das lágrimas, O Canto e as Armas arredava a menor das suspeitas de amenidade, mantendo como pano de fundo um ADN identificante que no momento da sua vinda a lume celebrava já o que «temos aqui à mão / a terra da aventura».

No diedro formado por violência e paz jogar-se-ão porventura os lances maiores, e os mais inesquecíveis, deste empreendimento que exorbita do mero alfofre das

letras. E os poemas de **O Canto e as Armas** ficarão na literatura portuguesa, menos como testemunhos de uma fase, ou como desabafos privados, do que como dimensão da epopeia individual, mas paradigmática, a que um certo pensamento do século XX nos conferiu inalienável direito. Contemplando uma dialéctica específica, a que opõe a vocação da eternidade, contida no «canto», ao ímpeto de aniquilamento, ínsito nas «armas», o discurso reabilita a sombra da tragédia humana, tocada por alternativos modelos de ressurreição. E mesmo esquecendo os conflitos que o desencadearam, um entrecho assim sintetiza o duelo entre o fatum do «Cadáver adiado que procria» e a incessante busca da transcendência explicativa. Cruzado por missões e exílios, desfalecimentos ocasionais, e incoercíveis pulsões de libertação, **O Canto e as Armas** opera uma biografia colectiva, nascida para se ver amordaçada, mas infatigável no esforço da descoberta, e do anúncio, da sua própria formulação. Por isso é que, sendo embora o amor nas suas declinações infinitas o que neste verbo encarnado continua a homenagear-se, jamais perdendo a consciência de «contínuas despedidas», tenderá ele sempre para esse reverso da medalha em que se converte em «Amor rebelde amor guerrilha amor Guevara», e em que o presente se transmuda em futuro.

Do mesmo passo, e ao efectuar a metamorfose do conceito de «inimigo», **O Canto e as Armas** circunscreve tal condição a um repressor endógeno, o que postula um alargamento da ideia de «pátria», desligando-a de toda a monumentalidade marmórea, e apoiando-a num território sem fronteiras que não sejam as riscadas pela cadência de uma cultura de afectos. A esta luz se relerá por conseguinte a universalidade histórica, presidida pela convicção de que **«Alcácer Quibir é estar aqui»**, e de que **«ir morrer / além do mar»** equivalerá a **«apagar-se «por coisa nenhuma»**. Quanto à verificação sumariante de que **«já em Portugal estrangeiros somos»**, ei-la que conjuga o pesadelo kafkiano, ilustrado pelo ser que de si mesmo se desencontra, com a irrealidade de Camus, vivendo num corpo em demanda dos seus contornos.

Breviário de uma geração, **O Canto e as Armas** articula paciente, mas indelivelmente, aquilo que o autor segreda ao ouvido de uma mítica destinatária, a quem interpela como **«Penélope que bordas de saudade»**, e no **«amor que me prende»**, e que **«é liberdade»**, **«palavra clandestina em Portugal / que se escreve com todas as harpas do vento.»** Contrapondo a incandescência das «armas» a uma outra, e porventura utópica, a do «canto», esta voz remete-nos a um destino hegemónico que consagra os artefactos da alta poesia, os quais, publicados e apreendidos pela censura, mas circulando em cópias manuscritas e dactilografadas, e novamente apreendidas, e novamente publicadas, duram como se verifica cinco décadas mais tarde. Eis pois o que erige um poeta, e o que o assinala, para além de quanto ele for, e de quanto quiser assinalar. Calem-se definitivamente, ou quase, as armas multímodas, e até as que se guardarem no avesso do gabão para surgirem em solertes assaltos. Só nesse instante o canto, o de Manuel Alegre, e o nosso através dele, poderá escutar-se em perfeita serenidade.

João Céu e Silva. Jornalista

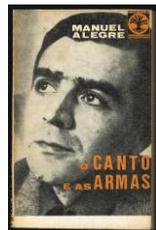
Diário de Notícias, 13.03.2017

o tempo que gastávamos a conversar no café

O pano de fundo era sabermos que os pais, os irmãos, os primos, os amigos estavam na guerra. Falávamos de música, o último Santana, os Moody Blues, a Janis Joplin

Talvez seja o jogo mais idiota de sempre, mas foi um dos que aprendi nas tardes passadas no café do bairro. Pedia-se um copo de água com a bica. Bebida a água, humedecia-se o rebordo do copo e colava-se, esticado, um guardanapo de papel dos pequenos e finos, à maneira de pele de tambor. Punha-se uma moeda no meio e cada um, à vez, ia fazendo queimaduras com cigarros no papel. Perdia quem fazia cair a moeda para dentro do copo.

Inútil, não é? Gastávamos tempo assim. E, por mais bizarro que isso pareça, quando ontem vi a nova edição - e definitiva - de **O Canto e as Armas**, de Manuel Alegre, a minha memória andou às voltas até chegar a esses copos sujos de cinza e ao cheiro do papel queimado, às gargalhadas e gritarias inerentes. É que era no café, ou nas horas em que arrastávamos conversas fosse onde fosse, que passavam entre nós as novidades, mais ou menos clandestinas. Clandestino, definitivamente, **O Canto e as Armas**, talvez conseguido por debaixo da mesa na pequena Livraria Barata da Avenida de Roma ou na Moraes no Chiado. E o disco da Orfeu, com os poemas na voz límpida de **Adriano Correia de Oliveira**, ouvido vezes sem conta. *Os Chants de Lutte* de **Luís Cília**. *Os Cantares de Andarilho* do **Zeca**. Os poemas lidos e cantados, em casa uns dos outros, sempre alguém a saber dedilhar a guitarra, e ainda todos na memória.



O pano de fundo era sabermos que os pais, os irmãos, os primos, os amigos estavam na guerra. Fazia parte da nossa vida irmos com eles para África, ou trocarmos cartas com os amigos que lá estavam. Falávamos também de música, já ouviste o último **Santana**, os **Moody Blues**, a **Janis Joplin**, achávamos os **Credence** comerciais e dividíamo-nos entre os dos Beatles e os dos Stones. Éramos parvos e infantis e usávamos colares e roupas que achávamos ousadas. (Pobres pais que tiveram filhos adolescentes nessa altura, do fato e gravata para os cabelos compridos e as roupas coloridas.) Éramos do contra porque o que se vivia era escuro e estúpido e injusto.

O CANTO E AS ARMAS faz agora 50 anos e leio um poema da guerra: "Às onze da manhã de mil novecentos e sessenta e dois/ Quebrou-se o meu relógio entre Quipedro e Nambuagongo./ E desde então o tempo é um ditongo/ entre não haver ontem e não haver depois/ no meu relógio entre Quipedro e

Nambuanguo./ Não sei se riam se choravam se gritavam/ eu não sei que palavras se diziam./ Estão ali estão ali. E disparavam."

Acontecia chegarem notícias de mortes, amigos perdiam o pai, o irmão. E todos os que voltavam vinham diferentes, ensimesmados ou então descontrolados, com pesadelos e histórias que não contavam.



Antes que cheguemos a abril e a data da liberdade seja celebrada, apetece-me falar desse tempo em que censura queria dizer censura mesmo, não propriamente apagar esta ou aquela frase mas uma coisa drástica, sistemática, aplicada pelo polvo de um Estado sempre presente. Nos jornais, submetidos à censura prévia e ao lápis azul. Nos discos e nos livros retirados do mercado mal saíam do fabrico, e que teimosamente circulavam por caminhos mais ou menos escusos. Nas prisões, onde se ia parar porque sim e porque não, e os que entravam porque sim, porque tinham atividade organizada e clandestina, eram torturados e as famílias perseguidas.

Nessa altura eu andava no liceu. De uma das escolas fui expulsa porque me acharam subversiva aos 14 anos. Sabia lá eu o que era ser subversiva, apenas imaginava e achava romântico e perigoso e heroico. Noutra, também só de raparigas, soube da organização dos estudantes, mas nem cheguei a ter tempo para entrar, tantas as exigências a reitora tinha feito à minha mãe: ela tem de prometer que não vai meter-se em política. E numa escola mista, num ano houve protestos, no seguinte esperava-nos uma lista de nomes dos que não podiam inscrever-se.

Não tenho saudades das proibições que limitaram as vidas de gerações de portugueses. Não tenho saudades de ler nas entrelinhas, do livro único, da televisão única, dos filmes com cenas cortadas, das conversas que só-se-podia-ter-em-segurança, de desconfiar dos outros, de ter as cartas devassadas, de ter sempre a guerra no horizonte. Foram tempos duros em que muitos se habituaram a responder "menos mal, podia ser pior, mais ou menos, vai-se andando" quando se perguntava "como está?".

Não tenho saudades de ser preciso partir, partir assim: **"Aquele clara madrugada que viu lágrimas correrem no teu rosto e alegre se fez triste como se chovesse de repente em pleno agosto (...) A clara madrugada em que parti/ só ela viu teu rosto olhando a estrada."**

E então posso rir-me das tardes a perder tempo no café com papéis queimados e moedas a cair no meio das cinzas, das viagens de autocarro de dois andares numa nuvem de fumo, do guarda-noturno que sabia a que hora chegávamos a casa. Porque me lembro de partir a salto sem levar nada nas mãos.

Ana Sousa Dias. Jornalista

Diário de Notícias, 18.03.2017

um postal vindo do outro lado do Atlântico

De: **Angelo Cardita** <angelocardita@gmail.com>

Data: 9 de abril de 2017 às 23:20

Assunto: Saudações pascais

Para: Arlindo Cunha <cunharlindo@gmail.com>

Meu caro Arlindo,

Nao sabes as saudades que sinto da Serra. A partir da minha experiência canadense/quebequense, eu diria que a Serra - pelo menos aquela que eu conheci - é uma pequena semente do Verbo a florescer.

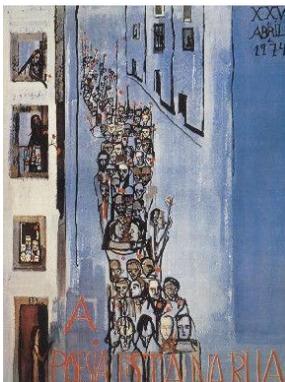
Quero aproveitar para enviar, do meio da neve, as minhas saudações pascais, a ti, ao coro, a todas as pessoas que celebram a fé nesse Alto Lugar, a Benilde, em particular, mas sem esquecer ninguém.

Também desejo pedir desculpas pelo longo silêncio, mas apostar na vida académica no estrangeiro, numa universidade de ponta, é algo que ocupa demasiado o espirito e os afetos. So agora, estou a começar a aprender a desligar-me um pouco.

Enfim, as minhas palavras nao sao nenhuma peça literaria - ainda por cima sem os acentos portugueses - mas, se puderes, podes lê-las à comunidade, emprestando-me a tua voz.

Um grande abraço, de amizade e comunhao n'Aquele que É!

Ângelo



25 DE ABRIL

**Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo**

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

(in *O nome das coisas*)

memória

Guernica (Gernika)



A 26 de Abril de 1937, aviões da Legião Condor essencialmente constituída por forças alemãs, lançam uma chuva de bombas sobre a pequena cidade basca de **GUERNICA**. A cidade fica arrasada, mais de mil pessoas perdem a vida e centenas ficam feridas.

Guernica foi o primeiro bombardeamento aéreo sobre civis da história e não tinha qualquer objetivo militar. Foi um teste, um simples e bárbaro teste à máquina militar nazi e à reação da população perante tamanha e indiscriminada violência.

Quando a cidade de **Guernica** foi arrasada pela aviação alemã, estava-se em plena guerra civil espanhola e os franquistas avançavam sobre a jovem República, suportados pela Alemanha nazi e pela Itália fascista, perante a passividade das «democracias liberais» francesa e britânica. Ao lado dos republicanos, apenas combatiam soviéticos e milhares de voluntários internacionais, incluindo portugueses.

Na altura do ataque, **PICASSO** encontrava-se a trabalhar numa encomenda para o pavilhão da República espanhola na Exposição Internacional de Paris. Ao tomar conhecimento do massacre Picasso lança-se ao trabalho.



Obra iniciada a 1 de maio, **Picasso** termina a pintura a 4 de junho de 1937.

O quadro com a dimensão de 349,3x776,6 cm foi executado a óleo sobre tela. Encontra-se exposto no **Centro de Arte Moderna Reina Sofia, em Madrid**.

Pablo Picasso realizou trabalhos no campo da pintura, escultura e poesia. Foi um artista genial, um incansável defensor da liberdade e da paz. Este texto é apenas uma pequena homenagem ao militante comunista, ao artista revolucionário.